

www.harmonianet.org

NOVAS PERCEPÇÕES



PABLO DE SALAMANCA
2013

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. A presente obra, “Novas percepções”, com um caráter mesclado anímico-mediúnico em proporções equilibradas, foi a 13ª lançada por Pablo. Atualmente, no início de 2013, doze livros já foram concretizados pelas suas mãos: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011), *Sonetos para refletir* (2011), *Espiritualismo em foco* (2012) e *Faces da projeção astral* (2012).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos muitos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer uma injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

CAPA

A capa é fotografia de **Chance Agrella**, sem denominação, retirada do *site* <http://www.freerangestock.com> (acesso em 18/09/2012), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre para usuários registrados no referido *site*.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* www.harmonianet.org, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do e-mail contato@harmonianet.org, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1- ANIMISMO E MEDIUNIDADE	3
1.1- A influência do consciente do médium	5
1.2- A influência do inconsciente do médium	5
1.3- A sintonia entre médium e entidade	6
2- A OBRA MEDIÚNICO-LITERÁRIA	7
2.1- Como ler uma obra mediúnica	7
2.2- O valor de uma obra mediúnica	8
2.3- A evolução da obra mediúnica de um médium	8
3- NOVAS PERCEPÇÕES	10
1- Árvore frondosa	11
2- Silêncio	12
3- Luz dos olhos	13
4- Fermento	14
5- Viagem para dentro	15
6- Beleza não tem fim	16
7- O sol da vida	17
8- Garganta irritada	18
9- Renovação	19
10- Madrugada	20
11- Luz própria	21
12- O valor do agir	22
13- Aprender	23
14- Criadores e criatura	24
15- Sombras da noite	25
16- Adversidade	26
17- Água de pedra	27
18- A verdade nua e crua	28
19- Eternidade	29
20- Sabedoria de superfície	30
21- Quem espera, erra!	31
22- A beleza está no olhar	32

23- O jardim	33
24- Crítica	34
25- Contemplação e transcendência	35
26- O enredo da vida	36
27- Deus	37
28- Bem sofrer e mau sofrer	38
29- Mediunidade de “quase-provação”	39
30- O rochedo	40
31- Sensações	41
32- A vida sempre floresce	42
33- A semente e o tempo	43
34- Degraus	44
35- Invisível empatia	45
36- Dor e poesia	46
37- Pessoas e lagoas	47
38- Exercitando a paz	48
39- Caminhos livres	49
40- Ter, fazer e ser	50
41- Erros	51
42- Pendulando	52
43- Contraponto	53
44- Obstinação	54
45- Extrair felicidade	55
46- O remédio é sorrir	56
47- Caminhos	57
48- Rotina e mudança	58
49- Virtude e erro	59
50- Harmonia	60
51- Sono profundo	61
52- As sombras da retaguarda	62
53- Canto noturno	63
4- FINAL	64

INTRODUÇÃO

Nesta breve introdução assinalo que a presente obra, “Novas percepções”, é “irmã” do livro “Percepções”, lançado em 2011. À época, eu relatava que o “Percepções” resultava de um “experimento pessoal”, quando, de início, apenas deixava fluir livremente no papel, alguns estados de ânimo e inspirações súbitas que ocorriam no dia a dia. Eu não tencionava, realmente, fazer um livro. Os conteúdos que surgiam eram de teor variado, uns expressando de forma clara o que eu tinha na alma (animismo), enquanto outros, pela maneira como aconteceram e também pelo conteúdo, não deixavam dúvidas de que foram transmitidos por entidades (amigos espirituais), com as quais já tenho contato há tempos (muito embora não tenham demonstrado interesse em assinar as mensagens). Com o tempo os escritos se avolumaram e, depois de cuidadosa releitura, notei que poderiam ser úteis a quem viesse a lê-los. Além disso, em determinado dia, recebi a visita de uma antiga amiga, que se interessou em conhecer o que eu andava escrevendo. Para a minha surpresa, ela constatou que algumas mensagens tinham profunda conexão com problemas que ela vinha passando, e as datas em que eu grafara, correspondiam aos períodos de seu sofrimento, sem que eu soubesse. Para ela, ali haviam respostas e esclarecimentos de grande valor, que surgiram pelas minhas mãos, de uma forma sincrônica aos fatos que se sucederam na vida dela. Então, percebi que nem todas as mensagens que eu havia materializado, eram somente de fundo anímico ou de restrita base mediúnica (conexão médium/mentor). Eu também vinha fazendo uma espécie de “captação psíquica” involuntária, pelo menos com relação a esta amiga, com quem tenho fortes vínculos. Sem dúvida que isso reforçou, em minha mente, que aquilo que eu vinha escrevendo, tinha um valor especial. No entanto, mais à frente, notei claramente que em algumas oportunidades em que sentia o impulso em escrever, o fazia movido pela presença de entidades em desequilíbrio. Nestes momentos, eu tentava não só dar vazão aos sentimentos desses seres em sofrimento, promovendo uma espécie de catarse, mas também induzi-los a um novo direcionamento de suas energias. Percebi, certas vezes, que tinha algum sucesso no meu intento, aliviando aos espíritos em desarmonia, não só pela catarse proporcionada, mas também por ter apontado/transmitido a eles uma maneira melhor de sentir, pensar e agir. Portanto, depois de um tempo, acumulei em minhas mãos uma série de mensagens de cunho variado. Após meditar por um período, concluí que elas poderiam ser úteis às pessoas, de uma forma geral, o que me levou a agrupá-las parcialmente no livro “Percepções”, e, com os textos que se sucederam, formando a mais recente obra, intitulada “Novas percepções”.

Antes de apresentar os textos inéditos (no capítulo 3), entendi ser importante tecer comentários sobre animismo e mediunidade, de forma a situar melhor aos leitores menos experientes (capítulos 1 e 2).

1- ANIMISMO E MEDIUNIDADE

Inicialmente, gostaria de comentar o próprio título deste capítulo “Animismo e Mediunidade”. Pus, propositadamente, o termo “animismo” em primeiro lugar, porque sem o fator anímico não há mediunidade. Mas, para esclarecer melhor, é importante conceituar ambos termos. Quanto ao animismo, utilizando-me de uma definição clássica, é a “teoria filosófica que considera a alma como causa primária de todos os fatos intelectuais e vitais”⁽¹⁾, ou seja, é a alma do próprio indivíduo que origina os fenômenos que se materializam. “Alma” é um termo que deriva do latim *anīma*, que, por sua vez, refere-se ao princípio que dá movimento ao que é vivo, o que é animado ou o que faz mover (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alma>). Sobre mediunidade, no Livro dos Médiuns⁽²⁾ consta que a palavra “médium” vem do Latim (*medium*), significando “meio” ou “intermediário”, ou seja, médium é pessoa que pode servir de intermediária entre os dois planos da vida, isto é, entre os espíritos e os homens. Conforme G. M. Ney⁽³⁾, mediunidade é a faculdade dos médiuns ou sensitivos de serem “meio” aos fenômenos paranormais. De acordo com L. Palhano Júnior⁽⁴⁾, mediunidade é a faculdade que têm as pessoas (médiuns), em maior ou menor grau, de receber comunicações ou perceber os espíritos ou o Mundo Espiritual.

Portanto, em linhas gerais, animismo é o conjunto de manifestações que vêm da alma do indivíduo. Em outras palavras, são os fenômenos provocados pelo próprio psiquismo da pessoa, sem a participação de qualquer outra entidade ou consciência externa. Assim, por exemplo, alguém que esteja emocionalmente alterado por forte estresse, pode, de repente, ter uma reação muito agressiva, devido a um afloramento de uma característica de sua personalidade. Ou seja, isto constituiu-se, pelo menos em tese, numa exclusiva ação anímica. Um outro exemplo de animismo, é o caso de alguém que escreve algo sem a participação de nenhum desencarnado ou qualquer consciência externa, usando somente os atributos de sua psique (“psiquê” é palavra grega que significa alma - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Psiqu%C3%AA>). Assim, o que este indivíduo grafou, provêm de sua própria alma e, por isso, é um processo puramente anímico, ao menos em teoria.

Quanto à mediunidade, um exemplo típico de atividade mediúnica é a psicografia, que ocorre quando o médium é utilizado por outra consciência, que expressa suas ideias pelas mãos do sensitivo, através da escrita. Citando também o exemplo da psicofonia, chamada por alguns de “incorporação”, nela a entidade comunicante utiliza o encarnado como intermediário, para expressar seus pensamentos através da fala.

Bom, voltando ao que eu dizia no primeiro parágrafo, o termo “animismo” vem à frente do termo “mediunidade” no título do presente capítulo, porque, na realidade, qualquer mecanismo mediúnico só ocorre através do aparato biopsíquico do médium. E neste aparato inclui-se certamente a psique do médium, ou seja, uma consciência comunicante externa só se manifesta através do sensitivo, ao sintonizar-se com a alma deste, isto é, por meio das potencialidades anímicas do médium. Portanto, não há mediunidade sem algum grau de animismo, mesmo nos chamados médiuns inconscientes (aqueles que perdem a lucidez durante o processo mediúnico).

Por outro lado, questiono também se há um “animismo puro”. Alguém que escreve algo, mesmo obras científicas, materializa os conhecimentos apenas através de sua mente? Quem garante que uma parte do que o cientista escreveu não teve, ao menos, uma influência de algum ser incorpóreo, pela via intuitiva? Quantos escritores, alguns cientistas e outros não, revelam que suas ideias surgiram através de inspirações súbitas, sonhos, ou fatores/acontecimentos aparentemente ao acaso? Para quem já tem um mínimo de sensibilidade desenvolvida, não é difícil concluir que há uma inter-relação bastante intensa, entre o Mundo Material e o chamado “Mundo Espiritual”. A comunicação entre diferentes dimensões é constante, embora muitas vezes sutil. Portanto afirmo que, assim como não há mediunidade sem animismo, praticamente não há animismo sem mediunidade.

Desta forma, passo a discorrer sobre como se mesclam o animismo e a mediunidade, detalhando alguns aspectos da inter-relação entre ambos. Não tenciono, aqui, fazer um estudo muito aprofundado, mas apenas trazer alguns esclarecimentos a quem não pôde investigar a questão, um pouco mais detidamente.

Citações realizadas:

- (1) Dicionário Escolar Silveira Bueno. Ediouro. São Paulo, 2001.
- (2) O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1996.
- (3) Parapsicologia: termos e mestres. Gerardo M. Ney. Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro, 1991.
- (4) Mirabelli: um médium extraordinário. Lamartine Palhano Júnior. Edições CELD. Rio de Janeiro, 1994.

1.1- A influência do consciente do médium

Tudo o que o médium (ou sensitivo) leu, estudou, vivenciou dentro da sua estrutura familiar e, além disso, o ambiente cultural onde se desenvolveu como ser humano, influencia na sua atividade mediúnica. Ou seja, tudo o que está na sua mente consciente permeará a sua produção mediúnica. Não há como separar o que o médium é, do que ele produz, por mais profunda que seja a sua habilidade parapsíquica. É claro que, quanto maior a profundidade de um transe mediúnico, menor será a influência do consciente do sensitivo, por exemplo, no que é transmitido pela fala (psicofonia) ou no que ele expressa por meio da escrita (psicografia).

Passemos, agora, a exemplificações sobre como o consciente do médium interage com sua produção mediúnica. No caso de alguém que psicografa, se este for uma pessoa culta, haverá uma tendência a que os escritos que faça, sejam com uma linguagem também culta, ou, pelo menos, que seja algo claro e conciso, mesmo que a entidade comunicante não tenha boa “escolaridade” prévia. Numa outra situação, onde o médium tenha crescido num ambiente de forte cultura cristã, obviamente que as mensagens que surgirem através dele, tenderão a expressar conteúdos cristãos, até mesmo nas oportunidades em que estiver sob influência de consciência espiritual não ligada ao Cristianismo. Por outro lado, se o sensitivo tem afeição por alguma religião oriental, e tenha lido e/ou estudado sobre o tema por muitos anos, mesmo que venha a canalizar uma mensagem de entidade espiritual cristã, poderá dar um cunho ou “formatação” mais ou menos “oriental” à mensagem. Volto a lembrar, contudo, que a intensidade como o consciente do médium interfere na comunicação mediúnica, dependerá da profundidade de sua habilidade sensitiva. Porém, como compreende-se que sempre há alguma participação da psique do médium (animismo) no fenômeno, é claro que alguma influência dele, sobre a obra, ocorrerá.

1.2- A influência do inconsciente do médium

Outra fonte de influência pelo psiquismo do médium (animismo), em alguma tarefa mediúnica, é através do chamado “inconsciente” do indivíduo. Na mente inconsciente está tudo o que foi reprimido ou esquecido pela pessoa, com relação a fatos, sentimentos e pensamentos que teve na sua vida atual. Também estão em nível inconsciente as memórias de vidas passadas, as lembranças do denominado “período intermissivo” (intervalo de tempo vivido fora da matéria, entre encarnações diferentes), e tudo aquilo que o indivíduo experimentou fora do corpo, durante as

viagens astrais, também conhecidas como “experiências extrafísicas”. Assim, o que está no inconsciente de um sensitivo, poderá, sem dúvida, mesclar-se aos conteúdos mediúnicos transmitidos. Um bom exemplo desta situação, é o que ocorre com um médium que recebe entidades em desequilíbrio. Este médium, supondo que numa vida anterior tenha morrido sufocado, ao dar passividade a diversos tipos de entidades perturbadas, pode, inúmeras vezes, ter a sensação de sufocamento ao “incorporar” seres sofredores, pois de seu inconsciente afloram as percepções desagradáveis por este tipo de morte. Ou seja, mesmo que os espíritos carentes de ajuda, que o médium recebe, não guardem sensação de sufocamento, o sensitivo apresenta este “sintoma” animicamente. Neste caso, seria importante o médium tratar esta questão traumática de seu passado, em benefício próprio, e também para evitar reproduzir um animismo totalmente desnecessário, na situação mediúnica colocada. Não vou me estender aqui, em exemplos de como o inconsciente do médium pode alterar uma mensagem mediúnica, pois as possibilidades são muitas, e não fazem parte do escopo desta obra. No entanto, é relevante assinalar que o animismo pode ser útil no processo mediúnico, se o que provêm do inconsciente do sensitivo é algo construtivo. Neste caso, as forças anímicas do indivíduo se juntarão aos conteúdos emitidos pela entidade comunicante, de forma a se atingir um objetivo positivo.

1.3- A sintonia entre médium e entidade

Para haver um trabalho mediúnico de qualidade, é fundamental uma boa sintonia vibratória entre o sensitivo e a entidade comunicante. É claro que, ao longo da vida do médium, este passa por flutuações no seu estado emocional, o que interfere numa boa sintonia com os guias espirituais. Ou seja, os fatores anímicos afetam a conexão com entidades que desejam comunicar-se. Assim, a falta de uma certa constância do sensitivo, pode alterar um tanto o conteúdo das mensagens passadas por uma mesma entidade, ao longo do tempo. Nos períodos de conexão mais frágil com o mentor, o ideal é não trabalhar mediunicamente, buscando, antes, o reequilíbrio. Porém, este problema pode ser minimizado, caso o médium tenha conteúdos anímicos de qualidade, o que poderá permear o seu trabalho mediúnico, de uma forma construtiva.

Por outro lado, é comum o sensitivo ter ligações espirituais com mais de uma entidade, que possuem tarefas de transmissão mediúnica. Assim, as flutuações de estado psíquico-emocional do médium, de certa forma poderão ser úteis, já que este, apresentando períodos com padrões variados, propiciará oportunidade à comunicação de entidades com vibrações diferenciadas

(conforme a maior afinidade do momento). Neste contexto, é importante ressaltar que cada instrutor espiritual tem a sua função e utilidade, na diversidade da vida.

É relevante salientar, também, que o desenvolvimento mediúnico de alguém, passa pela questão do seu crescimento como ser humano, em busca de um equilíbrio maior. Isto ocorre concomitantemente ao aumento de afinidade pelas entidades, com quem possui tarefas mediúnicas pré-programadas. Portanto, o desenvolvimento mediúnico deve ocorrer junto com a evolução anímica, sendo ambas questões, promotoras de uma boa sintonia com os espíritos comunicantes. Assim, um médium que estude bastante, que não tenha preconceitos e que busque constante autoconhecimento, provavelmente não será somente um “instrumento” útil para as entidades, mas também um bom cooperador nos trabalhos mediúnicos.

2- A OBRA MEDIÚNICO-LITERÁRIA

Aqui, chegamos num ponto de questionamento sobre como avaliar a obra mediúnica de um sensitivo. Em face das diversas variáveis que interferem nas habilidades anímico-mediúnicas de alguém, como compreender uma determinada obra mediúnica? A seguir, tentamos responder a esta questão, que não raras vezes é levantada por leitores mais críticos. Estes têm razão em manter um olhar aguçado sobre a literatura mediúnica, pois tendo atingido um grau de maturidade maior, ou por serem naturalmente mais “desconfiados”, exigem mais elementos que facilitem uma maior clareza sobre esta atividade humana, que não está livre de equívocos e embustes.

2.1- Como ler uma obra mediúnica

Basicamente, pode-se afirmar que a leitura de um livro, seja mediúnico ou não, sempre deve ser feita sob o crivo da razão. Não haveria lógica em se aceitar o que está escrito, simplesmente porque foi publicado. Portanto um processo de “filtragem” é fundamental, para que o leitor assimile criticamente o que pode lhe ser útil de alguma forma. É claro que o “filtro” que o leitor utilizará é algo totalmente pessoal, e o que considerará bom para si, para outro será uma nulidade. Usei o termo “filtragem”, porque fornece uma imagem bem apropriada para esta questão. Considero que, por mais que não reconheçamos a importância de uma obra específica, ao fazermos uma avaliação criteriosa, aproveita-se alguma coisa. Ou seja, não será fácil acessar o conteúdo de

um livro e concluir simplesmente que ele seja desprezível, eliminando-o por inteiro. Assim, se fizermos uma “filtragem” conscienciosa, sempre obteremos algo de valor.

2.2- O valor de uma obra mediúnica

Algo primordial na avaliação de um livro mediúnico, é compreender que ele vale muito mais pelo seu conteúdo, do que por quem o assina. Há trabalhos mediúnicos em que o autor espiritual prefere o anonimato, mas o conteúdo fala por si, demonstrando evidentemente o seu valor. Por outro lado, sob a ótica de um Espiritualismo Universalista, que preferimos, algumas características de uma boa obra mediúnica são: um conteúdo que estimule as pessoas a expandirem horizontes e consciências; ideias que reduzam preconceitos; pensamentos que explicitem o lado contraprodutivo das ortodoxias; e argumentos que levem a novos aprendizados, evitando-se apegos e induzindo à harmonia. Nesse contexto, compreendemos que um trabalho mediúnico poderá ter um valor respeitável, tanto com uma dose pequena ou grande de animismo. Para que isso ocorra, basta que o animismo seja de boa qualidade, e, obviamente, que a entidade espiritual comunicante seja uma consciência harmônica.

2.3- A evolução da obra mediúnica de um médium

Caso observemos detidamente a evolução da obra mediúnica de um médium, notaremos que ao longo do tempo os conteúdos dos livros, mesmo que assinados por um mesmo autor espiritual, podem apresentar modificações de estilo e conteúdo, em maior ou menor grau. Em parte pode-se creditar a isso, flutuações de interferência anímica do sensitivo, no período de sua produção mediúnica. Outro fator relevante, inerente ao médium, é o enriquecimento por que passa após realizar estudos de diversos tipos. Isto pode influenciar a sua obra positivamente, conforme adquira novos conhecimentos, que o auxiliam num processo de expansão da consciência. No entanto, embora menos sujeito a alteração de estado vibratório, o autor espiritual, por si mesmo, pode ter sido o causador de alguma mudança de estilo e conteúdo das obras, talvez atendendo a necessidades/objetivos que escapam a nossa compreensão imediata (por exemplo, pode ter a intenção de atingir a um público diferenciado no Plano Terreno). É claro que, ao longo do tempo, evoluem tanto o médium como a própria entidade comunicante, o que se reflete na qualidade dos livros produzidos. Inclusive, é importante ressaltar que, de acordo com a passagem do tempo, há

uma tendência a melhorar a conexão/sintonia entre o sensitivo e o seu companheiro sutil de trabalho.

Portanto, se olharmos para a produção mediúnica de alguém, principalmente se há mais de um autor espiritual envolvido, perceberemos com facilidade obras de conteúdo variado. E por quê isso ocorre? Basicamente, porque o público leitor também é bastante diverso. Muitas são as necessidades de esclarecimento e há inúmeros tipos de “fome espiritual”.

3- NOVAS PERCEPÇÕES

1- Árvore frondosa

Muitos são como tenra planta sobre solo seco. A insegurança predomina e a própria sobrevivência é o foco maior. No entanto, o medo de perecer paralisa. Aliás, qualquer medo leva à estagnação. O papel de cada planta miúda é o de concentrar-se no crescimento, e não nos temores do que virá. Assim, muitas plantas permanecem mirradas, mas outras, estendendo suas forças para o solo profundo, projetam raízes mais além. E é nesse esforço subterrâneo que encontram águas ocultas, que dessedentam e nutrem. Para essas plantas, novo vigor surge e agora podem crescer para o alto. O que era frágil e ínfimo torna-se, paulatinamente, vigoroso e imponente. Ao fim do tempo necessário, é possível notar na imensidão da terra árida, algumas árvores frondosas. Elas são esparsas, mas nos seus raios de ação é possível perceber que oferecem sombra e frutos, aos viajantes cansados. O aspecto e a função de cada árvore frondosa mesclam-se numa fusão de sabedoria e poder. Então, a cada ser resta uma questão: manter-se como uma planta raquítica ou tornar-se uma árvore frondosa?

01 de outubro de 2009.

2- Silêncio

O silêncio fala! Sim, ele fala com vozes mudas, mas audíveis por quem sabe realmente ouvir. Nas entrelinhas do silêncio há um conteúdo praticamente infinito. São lamentos, murmúrios, pedidos, orações. São corações que se expressam de forma sutil e, ao mesmo tempo, em tom inconfundível. Durante o silêncio, é possível escutar também alegrias, cânticos de júbilo e até o som da criação. É acessível ouvir a própria alma! Ela fala, no silêncio, com profunda calma, de tudo aquilo que precisa ser feito. É só permitir a chegada do silêncio e saber ouvir. Incêndios são apagados, guerras são terminadas e, enfim, boas sementes tornam-se germinadas. Então essas tenras plantinhas, que surgem como filhas do silêncio, crescem trazendo bom senso e esperança. São como crianças de um novo porvir que já amanhece. Estão ainda em meio à neblina, crescendo sem alarde, embaladas pelo silêncio...

01 de outubro de 2009.

3- Luz dos olhos

Em meio à escuridão profunda, ainda que não se creia, algumas luzes estão presentes. Ao aguçar a visão, é possível perceber que existem olhos a espreitar. É deles que emana um pouco de luz: a luz da esperança! Mesmo perdidos nas trevas da própria consciência, seres soturnos aspiram a algo melhor. Sim, para muitos desses é apenas uma nesga de esperança, mas ela é tudo que resta. Solitários, dentro das nuvens de seus pensamentos dissonantes, volta e meia, como simples infantes, permitem-se sonhar. Ainda que seus sonhos ocorram por caminhos tortuosos, longe de sentimentos realmente virtuosos, alimentam legítima aspiração. Tudo o que vive, pensa e sente, ao estar pelo menos brevemente consciente, aspira a posição melhor, neste mundo de dualidades. Ainda não perceberam que o dual, um dia, será Unidade. Para chegar até o Uno é preciso desenvolver a fraternidade, e, para ser fraterno há o pré-requisito da solidariedade. Assim, mesmo em meio às trevas da dualidade mais extrema, a luz da esperança habita nos olhos de cada um. O primeiro passo para a transformação é enxergar esta luz nos olhos do semelhante...

07 de outubro de 2009.

4- Fermento

Grande é a massa humana deste mundo! Ela é manobrada, na sequência infinita dos segundos, pela própria ignorância que habita em cada um. Mas, dessa massa por vezes informe, por vezes cheia de motivação torpe, pode surgir um sustento, como o verdadeiro alimento que é o pão? Alguns dizem sim, outros dizem não! Alguns preferem o otimismo, outros teimam no pessimismo. No entanto, nesta grande massa humana, há pessoas não indigentes, que são realmente diferentes. Essas são como bom fermento, que transmuta a massa disforme (que ainda dorme) em puro alimento que é o pão! Benditos os homens que atuam como o útil fermento, quase sempre anônimos, trabalhando a todo momento, na massa em escuridão. São eles que transformam algo entre o insípido e o azedo, em nobre alimento de sustentação. Quem de nós vive como real fermento? Quem de nós, pelo menos, aspira a este intento? A grande massa humana precisa de voluntários...

13 de outubro de 2009.

5- Viagem para dentro

O dia entardeceu e logo transformou-se em noite. Surgiram as estrelas, como se chicotes em açoite estalasses luzes no céu. Admirava aquela beleza, acreditando que elas estavam espalhadas ao léu, quando notei que realmente, sobre a minha mente, havia um obscuro véu. Não! Nada ocorre ao léu! Há uma Inteligência que age sem escarcéu, no silêncio profundo do universo. Não espera admiração, embora saiba que, de certo, ela virá. O Divino Artista, que alguns chamam Grande Arquiteto, apenas trabalha circunspecto, conforme a sua Essência é. E produz matizes diversos, ininterruptamente, construindo uma obra inacabada, eternamente, enquanto surgem céu, terra, rios, mares e gente. E é aí que me deparo com um fundo mistério! Gente é tão diferente, mas, ao mesmo tempo, tão igual. Dentro de cada ser há céu e terra, bonança e tempestade, pobreza e majestade. Cada um de nós é parcela e totalidade, na diversidade do Todo. E minha mente divagava por meandros, alguns puros e outros nefandos, quando, de repente, despertei do sonho da minha escrita. Era hora de dormir para, talvez, de fato acordar.

27 de outubro de 2009.

6- Beleza não tem fim

Beleza não tem fim! Não tem, porque o feio também é belo. Mesmo que não seja algo singelo, nem exuberante, o feio traz uma beleza instigante, pois para enxergá-la é preciso observar, pelo menos por um instante, por outro ângulo. Na pobreza há beleza, assim como na riqueza. No desprezo como no zelo, também há encanto. No choro de alegria, como no pranto de tristeza, reside uma real beleza. Basta saber ver. Mas, não com os olhos de carne! É necessário enxergar com os olhos acurados da alma. A alma vê além! A alma ultrapassa o desdém! Assim, é possível concluir que o feio e o belo são faces da mesma moeda. Depende de como se enxerga a situação que se apresenta. É como a mãe que a um filho acalenta, com a certeza de uma formosura que só ela vê. Por isso, beleza não tem fim, tanto diante de um grave não, como de um agudo sim!

18 de novembro de 2009.

7- O sol da vida

O mesmo sol que ilumina o mundo, é o que se esconde por trás do muro do horizonte, permitindo um cenário obscuro. O mesmo sol que aquece o pobre que vive no monturo, é o que queima o matuto, que lavra a terra. O mesmo sol que torna o solo verdejante, energizando a tenra planta, como a árvore gigante, é o que forma desertos. A cada instante, o astro-rei mostra suas diferentes faces. Basta saber enxergar, para poder entender. Nada é totalmente bom, nem totalmente mal. A Força Divina inclui a tudo, dando a cada coisa o seu devido valor temporal, no aprendizado sem igual das dualidades. Só a partir dos contrastes a consciência se desenvolve, na busca da Grande Síntese. Por isso que não se tema, na vida, as antíteses. Aproveitemos cada momento do agora para, sem demora, assimilar os ensinamentos da grande escola, que é o mundo em que vivemos.

02 de dezembro de 2009.

8- Garganta irritada

Pode, uma garganta que arde, transformar-se em arte? Esta foi a pergunta de alguém levemente doente, num dia quente, o primeiro do verão. Após uma reflexão, entendeu que sim, pois a poesia não tem fim. Até na doença, talvez muito mais na convalescença, a poesia trafega com desenvoltura. E mesmo uma tontura permite a rima, num rápido momento de lucidez. Mas, sim! Assim como uma garganta inflamada pode se transformar em poesia rimada, a doença, de uma forma geral, pode ter um cunho poético e espiritual. Basta lembrar que é pelas dualidades extremas, que se aprende lições profundas e longevas. E enquanto o tempo lentamente se escorre, em meio a uma dor lancinante, é que na mente se imprime a causa beligerante da própria dor. Então, doença e dor, dupla tão detestada, transforma-se em professor. Em verdade, rigoroso mestre, quase tão emblemático quanto um confessor, mas que não perde o seu devido valor.

21 de dezembro de 2009.

9- Renovação

Quando a esperteza é valorizada, enquanto a honestidade pouco vale, ou vale nada, é momento de refletir. Para onde vai a humanidade? Para um jogo de azar, onde reina a insanidade? Pois é isso que temos, a cada dia que passa, onde transformam-se em ídolos, homens que antes seriam símbolos de cinismo e de insensibilidade. O que importa é a “vitória”, seja por rude via torta, seja por qualquer meio. O que vale é o dinheiro, mesmo que tenha vindo pelo suor alheio. Os canais de comunicação projetam luzes sobre o “sucesso”, sem boa avaliação do mérito prévio. A aparência sobrepuja ao conteúdo, sepultando, a miúdo, cada esforço conquistado. Mas, a humanidade somos nós, e o mundo é o que projetamos do nosso interior. Assim, o valor que damos a cada situação, após bem medida reflexão, precisa mudar. O problema não está fora do nosso lar, não está fora de cada coração. Urge uma transformação! É hora de renovar!

30 de dezembro de 2009.

10- Madrugada

É madrugada! E na madrugada externa há sombras! Mas, na madrugada interna, já desperta a alvorada. A luz da compreensão abranda a penumbra, e o corpo cansado, entorpecido, já quase se rende ao fluxo da vida. E quanta vida há em tudo o que nos rodeia! Há vida no silêncio, como no burburinho, tanto na claridade, como no escuro de um cantinho. Só é preciso saber enxergar, ou melhor, sentir. Prestando-se verdadeira atenção, por exemplo, é possível notar uma artéria que pulsa. E através dela, entende-se o que é o pulsar da vida. Parece que, durante o torpor corporal, próximo ao sono reparador, se dilata a percepção sobre o viver. É quase possível entender as causas primeiras e as últimas, enfim, o porquê da vida. Ela simplesmente é. E mesclada ao amor, explica a si mesma. Às vezes transcende ao próprio amor e, em seguida, volta a vibrar evidentemente com ele. Então, rendo-me e aceito que a vida é misteriosa. Quedo-me e entro na embarcação do sono profundo.

27 de janeiro de 2010.

11- Luz própria

Pobres daqueles que, insistentemente, vagueiam à busca de uma luz no mundo exterior. Quando acreditam ter achado iluminação decepcionam-se, mais cedo ou mais tarde, ao constatarem que apenas encontraram um fósforo, quando muito uma tocha. O que mais ilumina? A luz de uma lamparina, ou a luz de um lampião? A luz do sol sobre a ravina, ou a luz do coração? Luzes externas clareiam, sem dúvida! Mas aquela que realmente ilumina, é a luz interior. Não adianta buscar, exteriormente, um salvador. Os mestres da vida clareiam a estrada por onde passaremos, mas cada um de nós deve trilhar o caminho com as próprias pernas, mente, olhos e sentimento. Só assim, sob o céu e ao sabor do vento, se burila a alma. É ao relento que a luz interna se faz, como perene lanterna que se traduz em paz. Assim, passa a chuva e passa o sol, e a iluminação continua. Estando vestido ou de pele nua, entre a multidão ou aparentemente só, brilhará como o prateado da lua ou como o dourado do sol. Não importa! O que realmente vale é que se terá luz própria! Esta é imperecível e intransferível. Poderá ser útil para iluminar o caminho a outrem, mas, sem dúvida, este terá que acender a tocha do próprio coração.

21 de fevereiro de 2010.

12- O valor do agir

No quase silêncio da madrugada, medito sobre os esforços extremos. Há momentos em que levamos a mente e o corpo ao cansaço, como as cordas de instrumento tensionadas ao limite. Por um lado, isto pode ser interpretado como um desequilíbrio. No entanto, nessas situações extremadas, com as fibras íntimas praticamente estiradas, é possível aprender sobre a natureza humana e transcendê-la, de alguma forma. É quando se começa a perceber, que a harmonia só pode ser compreendida e exercida, após se conhecer a desarmonia. Portanto, viver é imprescindível. Fugir à vida e aos dissabores, de forma sistemática e persistente, pode significar apenas mais uma forma de desequilíbrio. Há situações que se impõem, justamente porque é preciso aprender algo com elas. Nesses momentos, aborrecer-se e criar querelas, somente produz mais desassossego. Por isso, realmente é uma sabedoria entender que conhecer um mapa cheio de estradas, não é o mesmo que trilhar por cada um dos caminhos. É preciso trilhar! É preciso agir para entender o valor do não agir! É fundamental vivenciar a confusão, para valorizar a paz.

27 de fevereiro de 2010.

13- Aprender

Vivo aprendendo, porque aprender é viver. E quem acha que o saber é algo descartável, está morto, embora acredite viver. Quem crê ter atingido a Sabedoria, talvez viva em profunda ignorância. Prefiro saber que sou ignorante, do que acreditar numa enganosa sapiência. Portanto intitulo-me eterno aprendiz, nessa bela estância que chamamos Terra. Prefiro a alegria típica da infância, que é o constante desvendar. Olho para fora e sinto-me como um antigo descobridor de terras além-mar. Olho para dentro e percebo-me um desbravador de sombrias florestas. Será que há uma Verdade Última? Será que há uma Verdade Única? Pois creio mais numa Grande Verdade, de infinitas faces, onde enxergamos o próprio rosto, justamente na “face-espelho” em que pusermos o olho. E o rosto que se vê, vem matizado com a característica do espelho mirado. Assim, continuo sempre a aprender neste eterno viver. Quando isso terminará? Não sei! Nem sei se há fim! Mas vou pesquisar! Vou sim!

11 de março de 2010.

14- Criadores e criatura

Somos criadores e criatura. O que pensamos se concretiza, seja beleza ou seja feiura. Assim, podemos ser a própria fealdade ou profunda beleza pura. Somos criadores e criatura. Machucamos e somos machucados. Oprimimos e somos oprimidos. Enquanto falamos, ficamos surdos. Às vezes fingimos ouvir, mas não ouvimos. Somos criadores e criatura. A doença, como a cura, estão em nós. Energia e aparente paralisia estão em nós. Porque somos criadores e criatura. E ai daqueles que pensam estar a sós! Pois ao pensar, criam a criatura da solidão. Terão que despertar e desatar os nós de uma criação de ilusão, mas que permanece enquanto o aspecto criador for ignorado. Pobre ignorante que não sabe que somos criadores e criatura. Neste caso, saber não é apenas entender, mas fazer, no dia a dia, atos de criador e criatura, com a consciência plena. Quem ainda não faz, é melhor exercitar. Por que não tenta?

25 de março de 2010.

15- Sombras da noite

Sombras da noite seguem meus passos, espreitando até meus pensamentos mais escassos, na busca de moradia alugada, ou pelo menos de uma guarida fugidia. E nas gretas da minha mente, sinto o pulsar de sombras sorrateiras que teimam, matreiras, em encontrar descanso. Ouço o eco das sombras e até posso, com certo espanto, sentir o hálito obscuro do passado. Em minha alma, dormem antigos sentimentos bastardos, reclamando para virem à tona. São as sombras da noite que uivam, chamando velhos lobos, que pareciam mortos, nos subterrâneos de minha alma. Mas hoje, com quase profunda calma, prefiro ver as estrelas da noite, ou, quando possível, acompanhar o desfile da lua que passa, em trajes prateados. Convido os velhos lobos a uivar para tão bela dama, a lua, em tons de esperança, ainda que com alguma melancolia. E é debaixo do breu celeste que, embora sob açoites de outrora, percebo a profundidade do infinito. E a chibata do passado torna-se propulsão para o futuro! Só agora, com espírito mais maduro, posso espreitar a luz por trás do muro escuro da noite. E os velhos lobos, nesta hora, são como cães de companhia. São amigos na grande jornada da vida.

27 de março de 2010.

16- Adversidade

Chove e troveja. Nisto veria eu até grande beleza, se minha cabeça não estivesse a latejar. Sim, minha cabeça dói e lateja. É dor suportável e, por isso, estou a escrever. Nas situações adversas, encontrei inspiração. Aprendi, com o tempo, a ver beleza nos momentos cinzentos da vida. Tanto a pele macia, quanto uma evidente ferida, podem expressar algo além da aparência, através da poesia. E o que seria de nós, na condição humana, se não pudéssemos, em grupo ou a sós, transcender à própria humanidade? Sinto que aqui estamos justamente para uma superação, ultrapassando limites. Uma das formas de transcender é idealizar. Outra maneira é fazer poesia. Prefiro poetizar e noto que assim, sem ironia, supero barreiras de um jeito mais elegante. Melhor ser sutil do que arrogante. Melhor é a serenidade do que a severidade. Fazer poesia aguça a humanidade, afastando-nos da animalidade. Desta forma a dor é menos dolorida, e a caminhada fica matizada de leveza. Agora minha cabeça não mais lateja. A chuva permanece. Ainda troveja. Mas entre nuvens e raios, vejo beleza.

29 de março de 2010.

17- Água de pedra

Estou aprendendo, com a maturidade, a tirar água de pedra. Não é a mesma coisa que, em meio à adversidade, produzir leite e mel. Mas, percebo que cumpro o meu papel, nesta jornada que é a vida. Pois vejam só, tirar água de pedra, ainda que nem sempre, é fato que se pode orgulhar. Não o orgulho pomposo e estrepitoso, mas sim o sentimento de ter feito o melhor. Assim, volta e meia, por entre dificuldades e peias, tenho conseguido obter alguma água, de pedras aparentemente bem secas. Não é, ainda, água farta. Mas é água que dá para matar a sede. Será que o leitor me entende? Talvez não, mas tento me explicar. No ar que nos rodeia há umidade. Basta saber retirar, e ali está o líquido precioso. As rochas, pelo menos as porosas, dão-nos água se soubermos “garimpar”. Em tudo que nos cerca, desde o ar do deserto que desseca, até a pedra inanimada, está a água da sabedoria. Com esperança e um pouco de teimosia, não se morre de sede. Agora me entende?

29 de março de 2010.

18- A verdade nua e crua

A verdade nua e crua, nem sempre é tão verdadeira! Por quê? Porque a verdade é individual. Aquilo que para um é sério, para outro é brincadeira. Para alguns, a verdade é mistério. Para muitos, é pura besteira. Para mim, a verdade é faceta de uma Divindade que se esgueira, e se reflete na humanidade inteira. E como cada um de nós tem uma face particular, a verdade se enxerga em todo lugar, de infinitas maneiras. Basta observar! O que escrevo não é algo “sem eira e nem beira”. Mas, é preciso realmente observar, com um olhar ao mesmo tempo agudo e sem preconceitos: a verdade está dentro de cada um. E com estas incontáveis verdades, unificadas em harmonia, chegamos à Verdade do Um. Parece-me que esta é a Verdade nua e crua, mas que, por algum motivo transcendental, não pode ser vista por cada um, em separado. Ou seja, precisamos primeiro chegar à Grande Unidade, para enxergarmos plenamente a Verdade.

29 de março de 2010.

19- Eternidade

O tempo! Ah! O tempo! Não me preocupo muito com ele, porque sei que sou eterno. E neste momento singelo, sou sincero: não me aflijo com o tempo, porque sei que sou eterno. A dor vem e a dor vai. Ansiedade entra e logo sai. Sou humano e não estou isento de internos movimentos. Mas não me aborreço, pensando que perdi tempo. Sei que sou eterno! As horas são contadas e para muitos têm grande valor. Estes se julgam espertos. Olho para eles com olhos lentos, não me preocupando com o tempo. Sei que sou eterno! Por isso, espero.

Busco a lucidez quando tudo é turbidez. Busco a brandura quando tudo é balbúrdia. E sou vitorioso! Mas não fico, por isso, vaidoso. Apenas compreendi que o tempo é laborioso. Demora, mas chega. Tarda, mas não falha. Assim, deixo passar a dissonância, ignorando a ignorância, permitindo que o tempo trabalhe, trazendo em abundância a harmonia. Portanto, longe estou de me preocupar com o tempo. Ele é meu amigo, meu irmão sincero. Eu e ele somos eternos.

13 de abril de 2010.

20- Sabedoria de superfície

Muitas vezes pensamos saber, mas é apenas uma sabedoria de superfície. Olhamos por cima de uma planície e acreditamos conhecer a fertilidade de sua terra. Vemos a esfera que chamamos lua, e cremos entender sua função “nua e crua” no Cosmos. Muitos de nossos saberes são mero conhecimento superficial. É preciso penetrar no âmago das coisas e dos seres, para, além do bem e do mal, começar a compreender. E quando a superfície está cheia de lama? Os açodados logo concluiriam que debaixo da terra há abundância de água. Mas, pode ser ledão engano! Debaixo da superfície lamacenta pode estar rocha viva! O solo pode ser raso e apenas encobre forte estrutura cristalina. Imagina!?

Questionar produz crescimento. A própria Ciência evolui apoiando-se na dúvida. A primeira impressão pode ser mera ilusão. Vasculhar, dentro e fora de nós, produz expansão. Portanto, é melhor alçar voo a partir da sabedoria de superfície, não contentando-se com ela, pairando acima do lugar-comum das certezas limitantes, que não levam a lugar nenhum.

14 de abril de 2010.

21- Quem espera, erra!

Erra quem, consciente ou inconscientemente, espera gratidão por cada realizada ação. Erra quem espera cumplicidade de outrem pelos sentimentos que tem. Erra quem, no palácio ou na tapera, espera de alguém o reconhecimento por esforços próprios. Em síntese quem espera, erra.

Mas, o reconhecimento vem. A cumplicidade também. Até a gratidão, mesmo que por meio de outro alguém. O segredo é não esperar, a pessoa ou o tempo que se crê certo ou lógico para o “justo” retorno. Quem espera, está cego! Deve tentar ver melhor no entorno. Muitas vezes, o que parece não é. E o desconhecido, a frente, em pé, produz o retorno. É o Todo agindo conforme leis acima da compreensão humana vulgar. Aqui e em qualquer lugar, o Todo está a se manifestar. Sabedoria é conseguir enxergar, agindo sem esperar. Se não há cegueira, mas ainda há grande miopia, talvez seja a hora e o dia da cura buscar.

07 de maio de 2010.

22- A beleza está no olhar

Que belo verde vejo através da minha janela! Há grades de ferro nela, é bem verdade. Mas, prefiro admirar o verde da montanha, a alimentar uma energia estranha, que tenha o sentimento de prisão. O céu está azul. Um azul profundo de outono, com limpidez de norte a sul. Por quê, então, prestar atenção nas grades da janela? Melhor espiar através dela, buscando a beleza do horizonte. A beleza é tão bela no espaço próximo como no distante, mas, esquecemos dela, no exato instante em que nos permitimos um sentimento de falta de liberdade. Num momento como este, de quase insanidade, cremos na limitação e a beleza fica oculta. Será que Deus nos faculta a feiura da desarmonia? Sim, pois o livre-arbítrio é como catapulta, que imprime a força na direção que se quer. No entanto basta mudar o sentido, o entendimento, a visão, e o mundo a nossa volta passa a revelar a beleza, em toda a sua magnitude. Então de norte a sul, em todas latitudes, e de leste a oeste, em todas longitudes, a beleza se apresenta e permanece.

16 de maio de 2010.

23- O jardim

Sentado um dia, num jardim, percebi a beleza singela que estava ali. Longe de ser exuberante, como certos jardins, aquele apresentava belos matizes de cores, vários tons verdes, com algumas esparsas flores. Mas, volta e meia passava um homem, que fumava um cigarro, eliminando nefastos vapores. Perguntei-me mentalmente, que mundo era esse, de contrastes tão intensos. Ora o singelo, ora horrores. Ora sofrimentos extensos, ora cânticos e louvores. E ali, naquele momento, com meu pensamento interrompido pela presença de um bem-te-vi, compreendi que a felicidade pode ser escolhida. Ao invés de dar atenção e valor ao revés, melhor contemplar uma ermida florida. Melhor sentir o aroma do mato, do que concentrar-se em alguém que polui seu espaço, com um cigarro ou com sentimentos em desalinho. Após instantes de meditação, procurei o passarinho. Não estava mais ali, a minha frente, o bem-te-vi. No entanto, apesar de ruídos estranhos, pude notar que estava cercado por cantos. Eram os sons de três ou quatro aves, cujo pranto se difundia pelo ar, para fundir-se a minha alma. Também se manifestava o bem-te-vi. Assim, funda calma adquiri. Minha escolha estava feita.

17 de maio de 2010.

24- Crítica

A utilidade de uma crítica depende da intenção e do tom com que é comunicada. Se um desses fatores falha, a crítica destrói ou vale nada. A intenção vem do coração. Já o tom, depende de uma boa comunicação, bem colocada. Assim, cada crítica é como um som, que pode ser harmônico ou dissonante. Portanto, às vezes, ela corrige e inspira ao acerto. Em outras oportunidades ela é beligerante, desde o instante que é emitida. Uma leva ao desenvolvimento e expansão. A outra paralisa como cimento ou promove cólera e explosão. Uma funciona conforme sinfonia divina. A outra é verdadeira confusão.

Desta forma, é fundamental a higiene daquilo que mora no coração, bem como afinar as cordas da comunicação. Se a intenção é boa, mas o instrumento está desafinado, o resultado será som desqualificado. Se a intenção é ruim, embora o instrumento tenha boa afinação, haverá música de conteúdo vazio ou maleficiente, que só perturba o ambiente.

18 de maio de 2010.

25- Contemplação e transcendência

Há pouco, estava sentado num banco, contemplando um pinheiro, bastante incomum no Rio de Janeiro. Um céu nublado e vento frio constante emolduravam meus solitários instantes. Sentia uma paz, carregada por ligeira melancolia. Mas, predominava a paz naquela hora do dia. Em seguida retirei-me do relento, com o sentimento de que a contemplação das coisas e dos seres é atividade benéfica. Naquela tarde gélida, percebi que contemplar, além de induzir ao equilíbrio, é um processo de desvendar. Durante o período contemplativo, penetra-se o âmago da vida e descobre-se mistérios. E falando sério, mas com certa surpresa, percebe-se que a simplicidade norteia pessoas e acontecimentos, através de uma falsa complexidade terrena. O que move o mundo, humano ou natural, desde o rico até o vagabundo, desde a materialidade até o transcendental, são princípios simples. Poderia denominá-los: amor, desejo, raiva, medo, dúvida, apego... Então, naqueles minutos meditativos, tive um lampejo: para evitar o sofrer, é preciso transcender. Bem, isto não é novidade para a nossa humanidade! Mas quantos de nós se dedica a amar sem apego, agir sem medo, ouvir sem dúvida? Exercitar a contemplação e transcender é atitude de harmonia para todo ser.

20 de maio de 2010.

26- O enredo da vida

A vida é um enredo que executamos ansiosamente. Por quê não fazê-lo, deveras, diferentemente? Vivemos de forma acelerada, pois aceitamos o jugo do medo e, assim, o enredo torna-se uma peça de suspense ou horror. E o apego? Quando ele é o tempero principal da vida, temos um filme de paixão e ódio. Já quando impera a dúvida e o desassossego, está feito um roteiro de intrigas e de falta de aconchego. Se a raiva é o clima maior, da caminhada pela Terra, temos um longa-metragem de guerra.

Assim, a vida segue como um trem sem freios, que desliza por trilhos mal presos até o próximo acidente. Viver desta maneira é algo decente? Será mesmo que isto é viver, ou apenas sobreviver? Esta é uma reflexão que cada um precisa fazer...

20 de maio de 2010.

27- Deus

Deus é o Todo. É consciência e energia que tudo permeia. E por ser o Todo, há Deus para todos os gostos. Assim, Deus é pessoal e impessoal. É Mãe e é Pai. Deus contém o chamado bem e o julgado mal. É o doce que acalenta e o amargo que corrige. Deus está no calor, como no frio. No amor como no desprezo. No mar como no rio.

Cabe a cada um buscar as experiências necessárias, a uma compreensão mais profunda da vida. Uns precisam do amargo para entender que o doce é bom. Outros necessitam passar frio, para serem gratos à presença do calor humano. E o caminho que cada ser percorre, burila a alma, trazendo-lhe o brilho da Unicidade. Somente se atinge esse estado, quando o ser transcendeu as dualidades. Neste momento o doce e o amargo, o amor e o ódio, o bem e o aparente mal, são como peça única, como as faces de uma mesma moeda.

23 de maio de 2010.

28- Bem sofrer e mau sofrer

Embora ninguém em sã consciência busque o sofrimento, nele se encerra aprendizado e autoconhecimento. Assim, existe um “bem sofrer” e um “mau sofrer”.

O “mau sofrer” grita e agride. Por vezes, desfalece. Não enxerga um novo horizonte, nem entra em prece. Rechaça para longe palavras ditas em consolação. Elimina as possibilidades de alívio, dadas por boa sugestão. O “mau sofrer” é cego e surdo em si mesmo. É como um mundo fechado, ou como um louco que vive a esmo.

O “bem sofrer” sofre relativamente em silêncio, pois sabe que, gritando, provoca incêndios. Não permite, portanto, que sua dor se estenda sobre o próximo ou domine a si próprio. É sereno em meio à tempestade, e estando molhado ou sujo de lama, ainda não perde a majestade. Serve como farol em noite escura, sem a luz da lua. É verdadeiro mestre da dignidade. O “bem sofrer” não é algo que se aprende nos livros, manuais ou mapas. É arte que se desenvolve, em severas etapas, ao trilhar os caminhos da vida...

25 de maio de 2010.

29- Mediunidade de “quase-provação”

Três ou quatro dias antes de uma reunião mediúnica, meu céu interior fica nublado. Nuvens e sombras massivas se aproximam. Algumas nuvens predizem chuvas depressivas. Outras anunciam raios de cólera e trovões de reclamações. Por vezes, desce um granizo inesperado. E aí está um quadro pintado, longe de ser agradável. É algo recorrente, com o qual aprendi a conviver ao longo do tempo. Simplesmente acontece. Mas, observando a situação por diversos ângulos, pode-se notar várias facetas. Uma delas é a do aprendizado da paciência. Outra é a do adquirir resistência às chamadas “más influências”. Há também a face do transcender às energias densas, sintonizando-se com vibrações mais sutis. Há uma faceta dolorosa de autossacrifício, e há uma outra mais feliz, que é a do brilhante verniz da autorrealização. Estes são os aspectos de uma mediunidade de “quase-provação”. Ela é como uma obra de arte, que só está completa no seu jogo mesclado de luzes, cores e sombras. Esta é a tela que representa a minha vida. Sei que não é uma obra de primeira linha. No entanto ela é minha e, por isso, especial. Aceito vivê-la. Aceito sorvê-la no cálice do meu próprio corpo, enquanto estiver nessa Terra.

27 de maio de 2010.

30- O rochedo

As vagas passam, mas o rochedo fica. Parece pura covardia do grande mar, mas o rochedo é massa fixa, que nem mesmo se inclina às chibatadas do oceano. Assim, as vagas passam, mas o rochedo fica. E naquele horizonte praiano, descrito por minhas palavras meio prolixas, transcorre um símbolo de vida. O rochedo, isolado na sua lida heroica, mas um tanto insípida, tem algo a nos dizer. Fundamentalmente fala que as vagas passam, mas ele fica. E no passar do tempo, que não se deixa parar, o rochedo é uma ponta fixa a perfurar o mar. Este parece não se incomodar por isso, mas se aborrece pelo rochedo não se quedar. E o tempo corre, as vagas passam, mas o rochedo fica. O único efeito que se vê, ao longo do tempo, é na superfície do rochedo. Mas, não é qualquer um que vê a pele do rochedo tornar-se mais lisa. Isto só o tempo vê, ou quem transcendeu ao tempo. Olhos ainda mundanos só enxergarão que as vagas passam, mas o rochedo fica.

27 de maio de 2010.

31- Sensações

Uma voz profunda, embora quase inaudível, me disse um dia, que era importante ouvi-la com atenção. E ela dizia ser relevante provar os muitos sabores da vida, mas, fundamentalmente, ir além dos sabores. Também disse que seria muito importante ver, avaliar e comparar as mais belas formas sobre a face do mundo, mas, sem dúvida, transcender às formas manifestadas. Em seguida, assinalou que deveria sentir todos os aromas possíveis, desde os mais doces e confortantes até os mais azedos ou picantes. Contudo, não deveria agir como pobre ignorante, deixando-me seduzir por qualquer aroma mais instigante. A voz ainda me falou que seria essencial, tocar as coisas e seres a minha volta, conhecendo todas as texturas à disposição, até compreender que prender-se a cada sensação, seria funda ilusão. Depois disse que eu deveria escutar desde as mais belas melodias, até os gemidos mais lancinantes, porém não me deixando levar por nenhum som ou voz em especial, porque, não raras vezes, há vozes que conduzem mal aos homens. Mas sim, dizia ela, era preciso provar tudo, até entender que tudo pertence ao Todo. Cada parcela de vida e experiência é uma verdade superficial e temporária. Por trás de tudo que forma o Todo, há uma Unidade. Mesmo na infinita diversidade manifestada, tudo é Um.

14 de junho de 2010.

32- A vida sempre floresce

A vida sempre floresce, mesmo em meio ao espinheiro da dor. É quando o recurso da prece, surge como algo de grande valor. Poucos se esquecem de um pedido, no transe da dor, a um Poder Superior, mesmo os de pouca fé ou os de espírito gozador. E a vida floresce, por vias de paz ou de estresse, com todo o seu vigor. Seja naquele que envelhece, ou seja na juventude cheia de ardor, a vida sempre floresce, em plenitude de amor. Há quem prefira o rancor, de norte a sul e de leste a oeste. É sentimento destruidor, e a vida, temporariamente, escurece. Melhor cultivar o amor, que a todos entenece. Evita-se dissabor, e a vida floresce. Assim, que se lembre ao feliz, como ao sofredor, ao pobre ou ao cheio de benesses: por mais que existam nuvens no céu, a vida sempre floresce!

16 de junho de 2010.

33- A semente e o tempo

A semente, há muito tempo no seio escuro da Terra, não podia imaginar seu futuro. Pensava na solidão e sentia-se com um poder ínfimo quando, um dia, embalada por umidade adequada, germinou. Surpresa ficou, em sua ingênua humildade, ao descobrir que agora era plântula. O sol, tocando suas faces foliares, deu-lhe força para crescer. As raízes esticaram, aprofundando-se na terra, enquanto a planta alçava os ares. O tempo passou e a semente que se fizera planta, tornou-se árvore. Esguia, mas ainda jovem, pouca sombra podia dar. No entanto, já era capaz de se ornar com algumas flores e frutos. Aquilo era bom e parecia ser tudo. Mas, o tempo passou. A semente que se fizera planta e se tornara árvore, agora, era árvore frondosa. Não só dava abundantes flores e frutos, mas protegia tanto a nobres e matutos, como a tolos e astutos. Então, e tão somente então, houve a compreensão do valor do tempo para a semente que dormitava, ainda, no cerne da árvore frondosa.

23 de julho de 2010.

34- Degraus

Degraus existem por boa razão. Uma função básica deles é a de servirem como suporte para a subida. Alguns olham a meta lá em cima e correm, açodados, sem prestarem atenção onde estão pisando. Logo tropeçam e caem. Outros até olham onde estão pisando, mas, apressados, sem realmente estarem atentos, tropeçam e caem. Há os que sentem-se muito confiantes. Estes observam os degraus de forma arrogante, subindo aos saltos, e pulando muitos patamares. Por um momento, até parecia que atingiriam o topo num instante, mas, manobras derrapantes provocam quedas humilhantes. Outros, ainda, conseguem subir com razoável maestria muitos degraus. Mas, ao chegar relativamente próximo ao cume, olham para trás e desdenham os degraus ultrapassados. Pensam mesmo em destruí-los, esquecendo-se de que cada patamar deu o justo suporte para a subida. E na cegueira do orgulho e da ingratidão, passam a espancar os degraus anteriores, esquecendo-se do restante da subida. Durante o frenesi da destruição dos velhos degraus, que seriam usados por quem estava na retaguarda, provocam o desmoronar de toda a escada. E uma vez de volta ao chão, percebem a importância dos degraus...

26 de agosto de 2010.

35- Invisível empatia

Sinto a dor de quem sente dor. É como um buraco sem fundo. Caio. O baque não vem e a queda se mantém numa expectativa muda e angustiante. De onde vem a dor? Para onde vai? O que virá adiante? O baque não vem, enquanto tudo, no mundo, cai. E eu caio, sinto a dor e fico mudo. Paro por instantes e estudo. De onde vem a dor? Para onde vai? Ela, de fato, vai? Parece querer ficar. Mas, enquanto escrevo, sinto breve enlevo e um sono sem medo me distrai. Então, inesperadamente, a dor se esvai. Um torpor anestésico se espalha. Deixo-me levar por instantes, acomodando-me na cama macia. O corpo pede e a mente consente. Energia reparadora, formosa e decente, flui. O sono me leva e a caneta fica pendente. Melhor seguir o fluxo dormente. Amanhã é outro dia. Qual será a próxima invisível empatia?

09 de setembro de 2010.

36- Dor e poesia

Sinto-me bem. Transformei muitas dores em poesia. Evitei que, da dor, se fizessem gritos de clamor. Fiz isso pois notei que, quando me permitia barulho, mais orgulhosa ficava a dor. E ela, altaneira, se sobrepunha ao perdão e ao amor, sem qualquer consideração. Assim, prefiro evitar confusão.

Mas, transformar dor em poesia, não é algo fácil. É preciso alguma desenvoltura, bocados de autotranscendência e um certo “jogo de cintura”. A desenvoltura aprendi no dia a dia, ao contato com amigos visíveis e invisíveis. A autotranscendência obtive pelo mando da necessidade. Já o “jogo de cintura”, consegui depois de algumas duras chibatadas da vida.

Então, hoje, quando a dor bate na minha porta, a surpresa não é tão grande. Embora não seja apenas num instante, acabo por transformá-la em poesia. Melhor uma poesia de rima meio vazia, que um grito lancinante de dor. Percorro este caminho em passo pouco sofredor, e, posso dizer, com suave e esperançosa alegria. A cada dia, transformo dor em poesia.

09 de setembro de 2010.

37- Pessoas e lagoas

Pessoas e lagoas, aparentemente, são elementos sem boa conexão. Ledo engano! Por debaixo do pano que tolda o palco da vida, pessoas e lagoas são irmãs íntimas e queridas. Mas, assim como há diversos tipos de gente e de corpos d'água, ocorrem conexões variadas.

Existem homens que são como lagoa sempre turva. Basta um sopro ligeiro e o lodo do fundo se mistura, ao que devia ser água pura. Portanto, quase o tempo todo, nesses homens, é a turbidez do lodo que domina.

Há uma outra espécie de gente, bastante comum, que funciona como lagoa limpa, durante uma parte do tempo. Mas, em qualquer instante, um vento pouco mais beligerante, movimentava o fundo. É quando a argila sobe e turva o mundo! E já não é possível mais beber água pura.

No entanto, há um outro tipo de pessoa. São aqueles que são como lagoa perenemente limpa. Bate o vento ou ventania, chove fraco ou há tempestade, e não se perde a sobriedade. Pode-se banhar com majestade.

Portanto, pessoas e lagoas são irmãs. Com que tipo de lagoa você tem identidade?

15 de setembro de 2010.

38- Exercitando a paz

Exercito o desapego na lida do dia a dia. E sinto que tiro um peso de minhas costas doloridas. O que era quase desespero, torna-se serenidade bem sentida. O que era ansiedade descabida, dá lugar à tranquilidade bem vivida. Pergunto-me se a paz não deveria ser a regra, ao invés de termos uma vida de tribulação. Uma voz me segreda, que a paz só é exceção, para quem não a cultiva no coração. Ela, a paz, não vem de fora, diz-me a voz. E depois de breve tempo, complementa: precisa brotar de dentro!

Então, compreendo que devo levar a minha transformação até as camadas mais profundas de meu ser. Por quê contentar-me com curtos momentos de paz? Quero vivê-la no dia a dia. Quero fundir-me nela. Ser um com ela! Em seguida, olho para a minha janela. Está fechada! Entendo que não posso funcionar como o meu quarto, que quase sempre está com a janela fechada. Devo estar aberto! E através de mim, de certo, fluirá a paz. E paz é desapego, é amor compassivo. É um caminhar progressivo, muitas vezes silencioso, e aparentemente moroso, mas com certeza decisivo.

05 de outubro de 2010.

39- Caminhos livres

Pedras na estrada! Esta é uma situação mais comum do que caminhos livres. E “pedras na estrada” é como a via da espada. É o aprendizado da dor, do qual não se escapa, neste mundo de dualidades. Porém, este caminho pode ser trilhado de formas variadas. A adversidade não precisa ser confrontada! Pedras podem ser contornadas, com viva habilidade. É a habilidade da mente criativa, que transcende à dualidade, vendo no obstáculo, oportunidade cristalina. Mas, é preciso saber ver, para realmente enxergar a vida de outra forma. A maioria segue a norma, machucando-se nas pedras. No entanto, o pior é manter-se no círculo vicioso das feridas, após as primeiras topadas doloridas. Contudo, há o círculo virtuoso daqueles que aprenderam a trilhar, inteligentemente, estradas pedregosas. Estes, mesmo frente aos obstáculos, só veem caminhos livres. As pedras apenas são sinais e oportunidades. Passam por elas em paz, dando o exemplo da serenidade...

21 de outubro de 2010.

40- Ter, fazer e ser

Ter, fazer e ser são fases de desenvolvimento humano. Poucas pessoas refletem sobre isso, enquanto mergulhadas no burburinho do dia a dia.

Ter é um estágio primário: “eu tenho o meu corpo”; “tenho muitas coisas”; “tenho pessoas”; e por aí vai. Muitos permanecem nesta fase a vida toda, não percebendo que, na realidade, não tinham coisas, posses ou pessoas, mas sim que eram possuídos por elas.

Fazer é um estágio secundário: “eu faço coisas”; “faço fatos acontecerem”; “faço o mundo girar”... São inúmeros os indivíduos que vivem as suas existências, num afã quase louco de realizar tarefas e atingir metas. Não notam que realizam tantas atividades, por estarem constantemente a fugir de si mesmos.

Ser é um estágio completo. Quando se está nele, pode-se ter coisas sem ser escravo delas. Pode-se fazer atividades serenamente estando-se plenamente lúcido, ou seja, ciente de si e do que faz, e por quê faz. Mas, para chegar a Ser, é indispensável passar pelo ter e pelo fazer, conscientizando-se de cada ação.

22 de outubro de 2010.

41- Erros

Erros! Quem não os comete? Mas, o que são os erros? Muitas vezes são arremedos de tentativas de acerto. No fundo, o principal é a intenção. Mas quem poderia, isento, pesar cada coração? Basicamente, errar é fazer ao próximo aquilo que não gostaríamos de receber. Mas, quem é capaz de se colocar no lugar do outro, com frequência, procurando sentir-se na pele alheia? É um exercício um tanto difícil, enquanto vivermos no mundo do “eu”. Para nos colocarmos, assiduamente, na situação do próximo, é preciso ampliar o próprio mundo, englobando outros “eus”, pelo menos os mais perto de nós. O fato é que não vivemos a sós! Um movimento brusco pode machucar alguém do nosso lado e isto se constituir num erro. Por isso, evitemos a falta de zelo, através da ampliação da percepção. O mundo do “eu” é isolado, constituindo-se num viver egoisticamente centrado. O universo dos “eus” se aproxima da energia que chamamos Deus.

27 de outubro de 2010.

42- Pendulando

Tem tempo que a ventania se faz e o vento me dobra. Entretanto melhor ir ao chão, sem me quebrar, para logo voltar à antiga posição. De pé, embora com as costas doloridas, porém a ventania passou...

Mais uma vez aprumado, reflito em como é bom estar inteiro. A vida nos balança um bocado e já não me queixo. Apenas fortalece minha intenção de permanecer no eixo. Confesso que não me agrada muito viver como um pêndulo, mas a vida funciona como o grande mar, num contínuo balanço, que me faz pendular. E isto, às vezes causa enjojo. Contudo, logo percebo que este jogo faz parte de um plano de voo, que um dia tracei. Já não me lembro bem da rota pré-traçada, e, agora, o que vale é a própria jornada, com seus balanços e tropeções. Disso, dia a dia, tiro lições. E vou caminhando e pendulando, conforme os ventos e esbarrões, almejando não sair muito do eixo. Mais à frente, saberei estar mais centrado. Por isso, não me queixo...

29 de outubro de 2010.

43- Contraponto

Pode-se viver na Terra sem ser escravo dela. Pode-se ser um idealizador, sem tornar-se mero sonhador. Pode-se ser um espiritualista, sem agir como um fundamentalista. Pode-se ter humor e alegria, sem resvalar em azeda ironia.

É possível corrigir, sem ferir. É possível ordenar, sem humilhar. É possível caminhar com passos leves, por períodos longos ou breves. É possível ser rico, mas compartilhar.

Creio no amor, embora o mundo ressalte a dor. Creio no homem espiritual, embora ainda predomine o aspecto animal. Creio na gentileza, apesar de toda aspereza. Creio no autoconhecimento, embora possa demorar longo tempo.

Aposto na serenidade, em qualquer adversidade. Aposto na paz, como um caminho para se fazer mais. Aposto no estudo, quando se acredita que já se fez tudo. Aposto na persistência, quando o lugar-comum é a desistência.

A vida até pode ser difícil, e muitos dirão que já é tarde. No entanto, caminho e faço a minha parte.

12 de novembro de 2010.

44- Obstinados

Há períodos em que o cansaço nos verga. Dores aqui e acolá. Noites mal dormidas... Qualquer um que preste atenção enxerga. Ali está um ser que carrega, um peso no limite de suas forças. Mas, dentre os caminhantes estafados, existem alguns obstinados. Enquanto a vida bate e cria obstáculos, levando a sofrimento e direção indesejados, o obstinado marcha. Sua mente quase racha, mas suas pernas teimam em prosseguir. Suas pernas por pouco dobram, enquanto a mente retoma o controle de si. E assim progride, em meio às tempestades. Espera a bonança e avança com foco nela, enquanto a esperança tempera sua vontade varonil. Caminha num ritmo quase febril. Compreende que dias melhores virão. Sabe que suas fibras mais retesadas poderão em breve relaxar, até que seus lábios possam proferir uma oração, em palavras de gratidão e autorrealização.

07 de dezembro de 2010.

45- Extraindo felicidade

Dos meandros da vida, vou extraindo felicidade. Sim! É tarefa de mineração, porque felicidade é pedra rara e preciosa, que não se encontra em qualquer lugar.

Às vezes encontro pequeno diamante, às vezes singela pepita. Volta e meia engano-me com pirita, que é o “ouro dos tolos”. E não vos ludibrio! Nós todos precisamos escavar nos meandros da vida! Raros são os que encontram veio poderoso, onde dormem, em sequência abundante, o ouro, a prata e o diamante. Por isso, na minha caminhada pelas profundezas, quando descubro qualquer peça brilhante, regozijo-me como tenro infante. E essa pura alegria, que talvez fosse mero instante, faço perdurar...

08 de fevereiro de 2011.

46- O remédio é sorrir

Se não aprendermos a rir da vida, é ela que rirá de nós! Quem não sabe rir de si, logo fica só! Aquele que não sorri nem para uma criança, é digno de dó. Quem não sabe ser feliz, por onde passa, deixa um rastro cinza como pó.

A vida é magia que encanta e nos faz magos! Se sintonizamos na luz, a multiplicamos; se vibramos na treva, fazemos estragos. Geralmente, misturamos “alhos com bugalhos”, e nos tornamos matizados de sombra e luz. O que fazer em meio à indefinição? Melhor rir da vida, senão ela é que rirá de nós! Enquanto mantivermos um sorriso nos lábios, mais chances teremos de luzir como os sábios!

17 de fevereiro de 2011.

47- Caminhos

Tantas tensões por tolas ilusões! Deixamos de estar em comunhão com o Eterno, por alguns motivos fúteis externos. Produzimos adrenalina, quase tanto quanto tomamos aspirina. Vulgarizamos a própria vida, a troco de emoções mesquinhas. Nadamos no raso, ferindo-nos na aspereza da areia, quando, uma vez no fundo, teríamos fluidez e pureza. Preferimos o grito lancinante e um olhar de dureza, quando um sorriso tranquilizante seria paz, com certeza. E vamos nós contra a correnteza, esquecendo da divina natureza em cada um.

Mas o Uno é em todos, e o dia do despertar chega! Transformemos o que entulha o coração, para que a Harmonia se estabeleça...

23 de fevereiro de 2011.

48- Rotina e mudança

Rotina! Somos escravos robotizados! Em cada esquina, vão pessoas com rostos angustiados. Correm para fazer as mesmas coisas, ditadas pela sociedade que criamos. Portanto, somos insanos! Aceitamos sobreviver como espantalhos, postos aqui ou mandados ali. Mas, o maior tirano é aquele que habita dentro de cada um. A autoimposição da rotina, quase sempre pouco saudável, é mal digerida dia após dia. É preciso romper com o que não é bom. Não um rompimento de revolta improdutiva, mas sim com uma atitude criativa. Assim, o cinza da rotina torna-se mais claro. E ousando um pouco mais, quem sabe não se consegue alguns traços brilhantes?! Por que não tentar a partir de agora, neste instante?

24 de fevereiro de 2011.

49- Virtude e erro

Virtude e erro! A primeira é desejada e o segundo recebe desprezo. Ninguém em sã consciência procura o erro, mas a maioria não percebe que os dois cumprem os seus papéis. A virtude brilha porque há o erro, e este é um caminho para a virtude. Errando se aprende com profundidade, e, então, o acerto ganha magnitude. Este é o mundo da relatividade! Nele o contraste é professor e mestre. E vamos, gingando, entre pontos julgados opostos, mas que são complementares, enquanto sonhamos com a Harmonia. Sim! Sonhamos! O “caminho do meio” é como agradável momento onírico, brevemente vivido, mas logo interrompido pela dureza da realidade material. Então, o chamado “bem” e o conhecido “mal” surgem em cena. Eles vêm travestidos de virtude e erro, enquanto a Harmonia espera que despertemos do transe induzido pela vida terrena.

15 de março de 2011.

50- Harmonia

É positivo que tenhamos sentimentos, mas não é bom que os sentimentos nos dominem. É saudável usufruir de prazeres, mas é terrível quando os prazeres tomam a nossa consciência. É bom que alimentemos aspirações, mas é negativo quando elas se transformam em meros sonhos, e estes tornem a vida como uma grande ilusão. É importante alimentar-se para bem viver, mas é deletério viver em função de alimentar-se.

Harmonia! Esta é a chave para um correto viver, seja na vida física ou na vida após o morrer. Harmonia: a chave para o mundo material e para a dimensão espiritual. Harmonia! Esta é a essência por trás do universo manifesto ou imanifesto. Busquemos a ela tanto em pensamentos como em cada gesto...

16 de março de 2011.

51- Sono profundo

Dormimos! Sim, dormimos um sono profundo, neste mundo escuro de mofos e limos. Repousamos, enquanto vamos repetindo velhos padrões, ao ritmo de nossos corações. Depois de dor e frustração, se busca prazerosa compensação. Após impensada agressão, sobrevém um remorso quase em vão, pois, em verdade, por si só não produz transformação. Depois de um erro, vem o medo da repressão. E as repetições perduram, em forte profusão, pois dormimos um sono profundo.

Quando virá o despertar? Quando a transcendência vier no raiar de um novo dia. Então, o sono profundo será leve dormir. Na sequência, se tornará apenas sonolência, que, paulatinamente, dará lugar ao esperado despertar...

17 de março de 2011.

52- As sombras da retaguarda

Quando são avaliados os frutos do sucesso alheio, ou os bons resultados dos próprios esforços, quase sempre são exaltadas as virtudes. Isto é natural. No entanto, aqui, faço justiça ao que foi esquecido.

Por isso, saúdo à foice que cortou a erva daninha. Bendigo o martelo que deu forma à ferradura. Agradeço ao buraco do caminho, que impediu a queda no precipício. Valorizo a enxada que rompeu a terra escura. Aprecio a lima que aparou a aresta. Admiro ao buril que deu forma à escultura. Entendo o valor do chicote que evitou a preguiça. Dou graças ao coveiro que abre sepulturas.

Muitas vezes, ao longo da História, a justiça aparentemente tarda. Assim, não esqueçamos que as luzes da vitória, são seguidas pelas sombras da retaguarda.

06 de junho de 2011.

53- Canto noturno

No silêncio da noite eu canto. Só eu ouço a minha canção, no obscuro canto do meu coração. Às vezes há choro oculto. E só eu escuto o pranto que mal sai da garganta em convulsão. E quando há reprovação? O pior juiz é o que repousa na própria consciência, que não dá perdão. O que fazer, para sair dessa situação? A dualidade é a fonte de cada dor e de cada senão. É preciso viver nela, mas ela não pode viver em nós, nesta vida de relação. Mas como fazer isso? Como resolver esta equação? Talvez um bom caminho seja colocar o apego em rumo de redução. Quanto menores os apegos, maior o fluir da vida para a Unidade. Assim, o canto noturno pode ser de Harmonia, em verdade. Pode, mesmo, ser luz que clareia a obscuridade, partindo de ínfimo ponto para toda humanidade.

05 de setembro de 2012.

FINAL

Bem, chegamos ao final desta jornada e agradeço quem a trilhou conosco. Esperamos que cada passo tenha sido feito sem esforço e a paisagem tenha sido agradável. Esperamos também que esta caminhada tenha trazido boas reflexões e inspirações. Se este livro levou pelo menos uma vez, a cada leitor que se interessou por algo nele, a interiorizar-se e meditar sobre a vida, terá cumprido a sua missão.

Nestes momentos derradeiros em que escrevo estas últimas palavras, através de súbita inspiração, surge um singelo soneto, que deixo aqui registrado.

Interiorizar-se

*Interiorizar-se é tarefa de mineração!
Busca-se ouro e diamantes,
Mas, nem sempre há no coração,
Algo de valor muito importante.*

*Normalmente, ao invés de um grande tesouro,
Encontra-se cascalho e pedras brutas,
Que julga-se desagradável escolho,
De forma deveras injusta.*

*O brilho de pedras e minérios
Só aparece, após forte labuta,
De purificação e burilamento sérios.*

*Surge o brilho esperado, então,
Mesmo que depois de séculos,
Das profundezas do coração.*

12 de março de 2013.